

OS CONFLITOS SOCIAIS NA ÁFRICA ANTIGA E SUAS RESOLUÇÕES

Benjamin Diouf¹

Resumo

A África antiga passou por conflitos sociais, às vezes violentos, que fez os membros de uma mesma comunidade se levantarem uns contra os outros. Mas a cada vez, os atores sociais encontravam mecanismos de resolução para essas distorções. Podem esses mesmos mecanismos ter permanecido nos modos de resolução de nossos conflitos?

Palavras-chave

Conflitos sociais; mecanismos; resolução; mediação; relação com a comicidade; linhagem; atores sociais.

Résumé

L'Afrique ancienne a vécu des conflits sociaux, parfois violents, qui ont dressé, les uns contre les autres, les membres d'une même communauté. Mais, à chaque fois, les acteurs sociaux ont trouvé des mécanismes de résolution de ces distorsions. Existe-t-il une survivance de ceux-ci dans les modes de règlement de nos conflits?

Mots-clés

Conflits sociaux; mécanismes; résolution; médiation; parenté à plaisanterie; lignée; acteurs sociaux.

Introdução

Durante a Antiguidade africana, as sociedades, sobretudo a egípcia, cuja história é a mais conhecida, eram atingidas por conflitos de causas diversas. Por

¹ Professor Doutor – Universidade Cheikh Anta Diop de Dakar, Dakar, Senegal. E-mail: benjdiouf067@yahoo.fr

vezes, eles chegavam a fazer com que cidadãos que compartilhavam quotidianamente o mesmo pão e os mesmos espaços se erguessem uns contra os outros de forma violenta. A ordem social e a paz eram dessa forma perturbadas. Os povos, através de seus comportamentos e atos, retornavam ao estado animal. A violência não poupava ninguém. Em tais situações, tornava-se imperativo agir para que se voltasse à calma e à coesão social anterior; era o que sempre faziam os Antigos. Hoje ainda, não estamos livres desses distúrbios sociais. Nosso dia a dia continua marcado por conflitos sociais que procuramos resolver. Existiria, talvez, alguma relação entre nossas maneiras de resolver nossas discórdias e aquelas de nossos antepassados? Para responder a essa interrogação, exporemos primeiramente alguns conflitos sociais antigos e modernos relatados por autores como Heródoto, para em seguida interessarmos-nos aos seus mecanismos de resolução.

I - Alguns conflitos sociais

Os autores antigos se interessaram muito pela África e pela vida de seus homens. Deixaram para a posteridade numerosas e preciosas informações sobre a vida social dos Egípcios, dos Etíopes, e dos Líbios. Em seus escritos, por vezes repercutiram conflitos que transtornaram a ordem social. Graças a eles, soubemos que uma vasta revolução social, bastante brutal, sacudiu o Egito por volta de 2.260 AC. O povo, mergulhado na total miséria causada pela queda do estado unitário, pela pouca intensidade das cheias, e pela apropriação de terras pela família real, pelos governadores provinciais e pelos religiosos, revoltou-se e derramou sua cólera sobre os ricos, que tiveram seus bens pilhados e as sepulturas de seus dignitários, repletas de objetos preciosos, saqueadas por salteadores. Esse triste destino, reservado aos ricos, é revelado em toda sua barbárie pelo escriba Ipou-our que, em *As lamentações*, escreveu: “(...) Vejam, os homens carentes se tornaram proprietários de riquezas e aquele que não podia fazer para si mesmo um par de sandálias possui tesouros. Vejam, os ricos se lamentam e os miseráveis se alegram, e cada cidade diz: “deixem-nos escorraçar os poderosos daqui.” (...) Vejam, ouro e lápis-lazúli, prata e turquesas, cornalina e bronze, a pedra da Núbia circundam o colo das servas, enquanto as nobres damas vagam pelo campo e, donas de casa de antigamente dizem; “Ah, poderíamos ter algo para comer?”²

O palácio real e as residências luxuosas dos governadores dos nomos foram atacados e saqueados pelos manifestantes. O poder real escapa das mãos do faraó e o país sombreia num caos indescritível como atestam os relatos de um

² <http://www.matierevolution.fr/spip.php?article222>.
Site web visité le 24/08/2018 à 16h 20 mn GMT.

escriba, testemunha da situação: “a residência real foi devastada em uma hora.”³ O historiador Manéthon descreve bem esse confisco do poder pela rua revelando que houve “setenta reis em setenta dias.”⁴

No mais, o povo Egípcio viveu, durante o Nono Império, um conflito social sem precedente durante a Antiguidade. No século XII antes da nossa era, o Egito passou por dificuldades políticas e econômicas que tiveram impacto na vida social. O faraó Ramsés III enfrentou invasões líbias e a conspiração de Tiyyi, sua segunda esposa, que tentou eliminá-lo, e sobretudo a corrupção que gangrenava a administração e empobrecia a sociedade. Foi nesse contexto que aconteceu a greve dos operários de Deir el-Médineh⁵, que trabalhavam na necrópole real situada no Vale dos Reis. Essa greve se iniciou no dia 10 do mês de Peret no ano 29 de Ramsés III. O que de início era apenas um simples movimento de protesto contra o atraso dos pagamentos e a qualidade dos produtos, logo se tornou um conflito permanente.

Tendo ficado sem as roupas e os alimentos providos pelo estado central, os operários, famintos e carentes, abandonaram seu trabalho e seus alojamentos, e passaram a ocupar os edifícios públicos e os templos a fim de chamar a atenção das autoridades para seu destino miserável. Esses, diante da pressão crescente dos operários, distribuíram alguns víveres e prometeram a eles resolver rapidamente a situação. Porém, não foi o que aconteceu e os operários continuaram a sair às ruas e a ocupar prédios administrativos e lugares de culto, exigindo o pagamento que lhes era devido. No total foram três os movimentos dos trabalhadores durante os quais as autoridades locais como o chefe de polícia Mentmosés ou o governador de Tebas e alguns sacerdotes intervieram para acalmar o ardor dos grevistas com distribuição de alimentos e palavras conciliadoras.

Séculos depois desses acontecimentos, Heródoto nos conta que os soldados egípcios manifestaram sua ira ao faraó Psamético⁶. De fato, tanto ele quanto

³ <http://www.matierevolution.fr/spip.php?article222>
Site web visité le 24/08/2018 à 16H 20 mn GMT.

⁴ *Histoire générale de l'Afrique, II Afrique ancienne*, Présence Africaine/Edicef/Unesco, 1987, p. 105.

⁵ Os operários que trabalhavam para o Faraó eram pagos mensalmente em rações alimentícias como 10 porções de pão, uma medida de cerveja, legumes, peixes e roupas. Alguns tinham até mesmo jardineiros a seu serviço. Eles eram então bem mantidos pelo rei. Os que trabalhavam na necrópole real para Ramsés III, durante a greve, podem ser estimados em 120 operários divididos em duas equipes e vivendo em cerca de sessenta casas com mulher e filhos. Entre eles havia pedreiros, escultores, pintores e talhadores de pedra.

⁶ Heródoto, *Histórias* II, texto estabelecido e traduzido por Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1948, 30. Para essa história, ver também Diodore de Sicile, *Bibliothèque Historique I*, section seconde, texto estabelecido e traduzido por L'abbé Terrasson, Paris, 1737, XX.

seus antecessores, haviam afetado tropas em suas guarnições situadas nas fronteiras com os Etíopes, os Árabes e os Assírios. Mas, infelizmente, os soldados em serviço nesses postos ficaram por muito tempo, três anos precisamente, sem ser substituídos por outros. Essa longa permanência longe da pátria e de suas famílias, suscitou sua ira. Revoltaram-se e desertaram as casernas. Essa revolta do exército egípcio não foi a única. Houve ainda um conflito que opôs o faraó Apriés a uma parte de sua armada: “Tendo enviado contra os Cireneus uma grande expedição, Apriés passou por um grande fracasso; os Egípcios o denunciaram e se revoltaram contra ele; diziam que eles os havia enviado com propósito deliberado a um desastre previsto, para causar sua perda e poder reinar sozinho sobre o resto da população com maior segurança. Indignados com isso, os que haviam retornado e os amigos dos que haviam sido mortos, revoltaram-se abertamente”⁷.

Na Etiópia, a rainha Candace, com a preocupação de proteger seu reino, havia atacado o exército romano no Egito. Estrabão⁸ relata os fatos e nos informa que Candace se aproveitou de uma redução do número de soldados romanos no Egito, quando alguns partiram em campanha contra os Árabes, para atacar e tomar Assuã, Elefantina e Filas, além de algumas estátuas de César. Mas foi mal sucedida, pois o chefe do exército romano, Petrônio, que dirigia a campanha contra os Árabes, retornou rapidamente e combateu os invasores, que ele perseguiu até seu território, onde se apoderou da capital, Napata, mas sem conseguir capturar Candace, entrincheirada em sua fortaleza.

Por fim, a África moderna continua marcada por conflitos sociais, de origens às vezes longínquas, que abalam muitos países. Cansados das humilhações, das torturas e das explorações coloniais, os povos africanos resolveram a lançar suas últimas forças em combates libertadores. Estes foram incitados e dirigidos pela elite intelectual africana, formada na escola ocidental. E efetivamente, os intelectuais negros, ultrajados pelos maus tratos e pela miséria de seus irmãos de raça, provocaram o despertar da consciência do povo resigna-

⁷ Hérodote, *Histórias* II, texto estabelecido e traduzido por Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1948, 161.

Deve-se notar aqui que o mal estar começou no exército egípcio desde que Apriés integrou a ele elementos gregos, cários e iônicos, que ele teria tratado melhor que os soldados egípcios. Aliás, a revolta dos soldados egípcios depois da derrota contra Cirene se deveu à não participação dos Gregos que estavam no exército egípcio. Isso foi visto pelos Egípcios como uma intenção manifesta de eliminá-los. Note-se também que a incorporação de cários e iônicos pelo exército egípcio se produziu, antes de Apriés, sob os reinos de Psamético e de Amasis, ainda segundo Heródoto, *Histórias* II, 152-154.

⁸ Estrabão, *Geografia*. Livro XVII-1, tradução francesa de Amédée Tardieu. Paris: Hachette, 1909. p. 54.

do com a submissão. Eles levaram a massa popular a entrever sua capacidade de se liberar do jugo ocidental para viver dias melhores. A simples esperança de liberdade e de bem-estar social, que os intelectuais fizeram brilhar aos olhos do povo, bastou para reunir todas as forças vivas das nações colonizadas. A noção de independência se tornou subitamente sinônimo de uma vida “paradisíaca”. Os colonizados engajaram e ganharam lutas pelas independências. Nos primeiros anos, já independentes, mantiveram a esperança de uma vida melhor, mesmo que as expectativas ainda não tivessem sido satisfeitas.

Entretanto, cerca de dez anos depois das independências, um desencanto total tomou conta dos povos africanos, decepcionados com a governança e as promessas não cumpridas por seus irmãos de raça à frente dos países. Os anos que se seguiriam, abririam uma página sombria da história da África moderna, marcada por crises sociopolíticas de grande envergadura. A fome e os conflitos fundiários ou interétnicos deram uma face desoladora dessa nova África. Em Angola, na Libéria, no Sudão, para citar apenas esses países, o horror estava em toda parte. Até este século XXI, as crises sociais ainda abalam alguns países africanos e produzem milhares de mortos. Esses conflitos africanos têm as mesmas causas que aqueles antigos, acontecidos no Egito faraônico. Trata-se da má governança, do apoderamento de terras e riquezas pelos dirigentes, e da injustiça que castigam algumas camadas sociais. Urge, portanto, solucionar esses males que dilaceram a África, mas que sejam sobretudo adaptadas ao contexto africano, como deseja Sam G. Amoo: “Uma condição prévia para a elaboração e aplicação de conceitos e estratégias realistas e pertinentes para prevenir, gerir ou resolver os conflitos é ter uma compreensão conceitual das origens e da dinâmica dos conflitos africanos” (Amoo, 1997: 02). Uma solução africana para os problemas do continente, portanto, é concebível. Nas páginas que se seguem, veremos alguns desses mecanismos de resolução de conflitos herdados do passado africano.”

II – Os mecanismos de resolução dos conflitos

Entre os meios de resolução dos conflitos na África antiga, temos a mediação. Esta intervém quando as partes opostas não conseguem entrar em contato ou quando são incapazes de resolver seus diferendos por si mesmas. É nessas circunstâncias que intervém um terceiro ou um grupo de indivíduos, podendo mesmo ser parte integrante do conflito, preocupado em restaurar os laços rompidos. Estimamos que a mediação tenha sido utilizada no Egito antigo, ao final do Primeiro período intermediário (-2280/-2060), para reatar os laços sociais. O rei Mentuhotep II havia conseguido controlar todos os fatores de distúrbios e fazer voltar a ordem.

Todavia, faltava restabelecer o entendimento entre os cidadãos que se tinham erguido uns contra os outros. Depois dos distúrbios, os Egípcios ainda se olhavam com hostilidade, pois os espíritos continuavam traumatizados pelas

cenar de violência da véspera. Era preciso então pacificar os sentimentos e isso não podia ser feito pela força. Somente o povo, de comum acordo, tinha o poder de tratar suas feridas internas. Era necessário se sentar e juntos discutir e se entender a respeito de uma nova ordem social; o que foi feito, pois os Egípcios organizaram um conjunto de valores morais que garantia o desenvolvimento de todos os indivíduos. O papiro *Protestos do camponês eloquente*⁹ confirma justamente essa nova ordem social que se desenhou com a participação de todas as camadas sociais.

A mediação também mostrou seus benefícios durante a greve dos trabalhadores de Deir El-Médineh. Famintos e abandonados a si mesmos, eles haviam parado toda atividade para mostrar sua ira a seus superiores. Deixaram várias vezes suas casas e ocuparam edifícios públicos e templos. Mas a cada vez a intervenção de uma terceira autoridade, como o governador de Tebas, trazia de novo a calma. Entretanto, todos os germes de uma revolta assassina estavam reunidos. Os trabalhadores e suas famílias tinham fome e suas rações de alimento ainda se atravessavam como ilustra esta passagem tirada do Papiro da greve e citado por Nelson Pierrotti: “(...) Nós chegamos a isso, por causa da fome e da sede, pela falta de vestimentas, de peixe e de legumes. Escreva a nosso senhor, o Faraó, a esse respeito, escreva também ao governador, que é nosso superior. Faça isso para que nós possamos viver!” (Pierrotti 2009: 6) Esses relatos dos grevistas, dirigidos aos funcionários do templo funerário de Ramsés II, mostram o quanto os Egípcios acreditavam na mediação para encontrar um desenlace feliz para uma crise. A multidão de trabalhadores ficou faminta por causa de funcionários corruptos que desviavam as rações e cujas casas eles poderiam muito bem saquear a fim de se alimentarem. Mas os grevistas solicitaram a mediação de seu superior imediato, o governador, para que seu abastecimento voltasse à normalidade. Essa esperança não foi em vão, pois a intervenção do governador e de outros funcionários lhes permitiu a cada vez receber uma parte do que lhes era devido.

Durante as crises egípcias, relatadas por Heródoto, nota-se sempre essa vontade demonstrada de se encontrar a paz graças à mediação. O rei Psamético deu exemplo disso. Diante da defecção de uma parte de seu exército, ele não tentou usar a força para chamar seus soldados à ordem. Ele privilegiou a negociação e reenviou, como mediadores, alguns de seus homens de confiança a fim de conversar com os amotinados. Mesmo quando estes permaneceram inamovíveis em suas posições, Psamético prosseguiu seus esforços de paz e os encontrou para fazê-los mudar de opinião, sem nem por isso conseguir. A tática desse faraó, mesmo se não obteve resultado, mostra que a mediação é a

⁹ Esse documento, datado da dinastia X, conta a história de um camponês que faz valer seus direitos diante de um rico que havia roubado seus bens; o que atesta a igualdade reencontrada em conjunto pelos Egípcios.

melhor maneira de restabelecer a paz. Da mesma forma, a guerra sangrenta que opôs Candace ao exército romano teve um desfecho positivo graças a uma embaixada que a rainha enviou a César.

No entanto, por mais útil que seja a mediação na resolução de um conflito, é preciso ressaltar que ela não pode ser conduzida por qualquer pessoa. O fracasso da mediação que o faraó Apriés confiou a seu lugar-tenente Amasis, em seguida à revolta de uma parte de seus soldados, é um exemplo. Apriés fracassou em sua tentativa porque seu enviado não era neutro, como indica esta passagem:

“Instruído sobre o acontecido, Apriés enviou aos revoltados Amasis, a fim de apaziguá-los, conversando com eles. Amasis foi até eles; esforçou-se em deter os Egípcios e em impedi-los de se insurgir; mas enquanto ele falava, um dos Egípcios que estava em pé, atrás dele, cobriu sua cabeça com um capacete e declarou que assim fazendo designava-o como rei. Isso, a meu ver, não aconteceu contra a vontade de Amasis, como revelou sua conduta, pois após ter sido feito rei pelos Egípcios revoltados, ele tomou a iniciativa de marchar contra Apriés.”¹⁰ Amasis, que invejava o poder de seu rei, fez a situação virar a seu favor. Esse fato mostra o porquê de um mediador precisar ser neutro, sábio, ponderado e conhecer usos e costumes. Por isso, em todas as sociedades tradicionais africanas, a mediação era assegurada pelos sábios, que eram pessoas mais velhas que, com as características citadas, sempre conseguiam conciliar organizando um colóquio o conflito (geralmente sob uma árvore, adequadamente chamada “árvore da palavra”). Graças a seu tato, os mediadores faziam ambas as partes entenderem que a “árvore da palavra” não era um local de julgamento, mas sim de erradicação da violência e de restabelecimento da paz. Eles não colocavam o peso do erro sobre ninguém, pois tudo era feito dentro do bom convívio, de onde todos saíam vencedores.

Além disso, as mulheres não ficavam de braços cruzados diante dos conflitos que atingiam suas sociedades. Elas sempre desempenhavam um papel na gestão e na defesa das cidades. No Egito, o relevo de Deshasheh, que data da época heracleopolitana, mostra mulheres defendendo valentemente uma cidade sitiada pelo inimigo. Lembremos também das rainhas que governaram o Egito faraônico como Hatchepsut durante o Império Novo. Pertencente à XVIII^a dinastia, ela marcou o espírito dos Egípcios ao longo de todos os vinte anos de seu reinado, graças ao desenvolvimento da economia do país. Mas, o mais notável foi a paz que ela soube manter também ao longo desse período, quando o Egito mantinha ainda os estigmas da luta de libertação contra os

¹⁰ Heródoto, *Histórias*, II, 162; ver também Diodoro da Sicília, Biblioteca histórica I, segunda seção, texto estabelecido e traduzido por L'abbé Terrasson, Paris, 1737, XXI.

Hicsos. Lembremos que eles foram expulsos do Egito por Amosis I a quem sucederam Tutmosis I, Tutmosis II e a rainha Hatchepsut. Durante o reino desta última, os germes de uma frustração não deixaram de agir no Egito, mas a rainha soube conciliar todo o povo a fim de realizar uma de suas grandes obras como o templo de Tebas. Heródoto¹¹ também se refere às mulheres líbias (zauèces) que conduziam carros de combate.

Na antiga Etiópia, encontramos também esse papel importante desempenhado por mulheres na solução de alguns conflitos sociais. Em uma região, vivia uma etnia nômade, a dos Trogloditas Megabares. Eram pastores e se deslocavam constantemente em busca de novas terras provedoras de alimento para seus rebanhos. Durante suas transumâncias, acontecia de dois clãs da mesma etnia se encontrarem sobre um mesmo pasto, que nenhum dos dois queria ceder ao outro. Começava, então, uma guerra sangrenta cujo desfecho pacífico vinha através da intervenção das mulheres mais idosas: «Esses combates terminam através da intervenção das mulheres idosas, que se lançam no meio das lutas, e que são grandemente respeitadas. Não é permitido a ninguém atingi-las de forma alguma. Logo que elas aparecem cessam os tiroteios»¹².

Todos esses fatos mostram que as mulheres se investiam plenamente para o desenvolvimento, a segurança e a paz em suas sociedades. A solução de um conflito, quando empreendido por mulheres tinha muito mais chance de sucesso. Isso se explica pela ideia que o africano tinha da mulher. Esta, mesmo sendo uma esposa, era sempre percebida como mãe. Assim deviam-lhe respeito e consideração, e sua voz era muito ouvida e levada em conta nas decisões, sobretudo se fosse uma mulher já de certa idade.

Hoje, as mulheres africanas são atrizes importantes na resolução dos conflitos sobre o continente, graças às suas mediações. Elas permitiram selar a paz definitiva quando do conflito fratricida que dizimava populações da Libéria e de Serra Leoa. Foi a Rede de Mulheres do rio Mano Para a Paz que abriu a via para as negociações entre os chefes de estado que se resolveram por um acordo de paz em Rabat, Marrocos, sob a égide da CEDEAO e da U.A. A ação das mulheres também foi notável na busca pela paz em Casamansa, no Senegal, onde as USANA¹³ muito se distinguiram. Com as religiosas à frente, as USA-

¹¹ Heródoto, *Histórias*, IV, texto estabelecido e traduzido por Ph. E. Legrand, Paris, Les Belles Lettres, 1960, 193-194.

¹² Diodoro da Sicília, *Biblioteca Histórica* III, texto estabelecido e traduzido por M. Ferd Hoefler, Paris, Charpentier, 1846, XXXIII.

¹³ Essas associações se chamam USANA porque a primeira delas se reuniu sob uma mafumeira, árvore chamada usana pelo povo Diola. A primeira dessas associações rituais urbanas foi criada por Marie Afinkoh no bairro de Nyéfoulène nos anos 1930-1940.

NA celebram rituais de liberação para os combatentes do MFDC (Movimento das Forças Democráticas de Casamansa) visando liberá-los dos pactos e compromissos que eles contraíram ao entrar no conflito.

Essas associações também lideram campanhas de sensibilização junto às populações, aos rebeldes e às autoridades senegalesas, sobre as consequências desastrosas da guerra. São muito respeitadas graças ao seu poder místico e a seu gênero. Ninguém mais do que essas mulheres sentem os malefícios do conflito. São mães e esposas dos beligerantes; o que motiva seus apelos à paz. Isso resultou que desde início dos anos 2000 as representantes das USANA trabalhem quotidianamente pelo retorno da paz e são por vezes convidadas para as negociações entre o MFDC e o Estado senegalês, quando não é delas a iniciativa.

A ação atual das mulheres africanas na busca e na consolidação da paz constitui uma herança ancestral. Isso fica bem claro e posto em destaque por Djibril Tamsir Niane que, a propósito da implicação das mulheres africanas na resolução de conflitos, declara: “O que acontece simplesmente é que com a entrada em cena das mulheres, um valor africano fundamental também entrou em jogo: o respeito quase religioso que o Africano devota à mulher, à mãe, àquela que traz a vida”¹⁴

Essa era, no passado, a mediação assegurada atualmente pela sociedade civil, personalidades políticas ou não, organizações e ONGs, dentro do espírito herdado de nossos Antepassados.

Há ainda a *parenté à plaisanterie*, uma brincadeira entre famílias¹⁵ que é atualmente um dos mecanismos usados para restaurar a paz social em algumas zonas em conflito no continente negro. É difícil situar sua origem. Porém, o objetivo visado pela *parenté à plaisanterie*, que é favorecer e manter uma har-

Desde então, existe uma lista incompleta de cerca de dez USANA declaradas na prefeitura de Ziguinchor. Essas associações, criadas por senhoras com poderes “místicos” reconhecidos e em torno das quais se forma uma assembleia de seguidoras, interveem em caso de desastres públicos ou provados organizando sacrifícios e cerimônias de preces.

¹⁴ Djibril Tamsir Niane “La parenté à plaisanterie: origine historique, fonction préventive et régulatrice dans l’espace ouest – africain” in “Initiative de valorisation des capacités africaines endogènes dans la gouvernance et la prévention des conflits”, Conakry (Guinée), de 9 a 11 de março de 2005, p. 9.

¹⁵ Para melhor compreensão da noção do jogo familiar, remetemos os leitores a esta definição de Raphael Ndiaye, extraída de *Pluralité ethnique, convergences culturelles et citoyenneté en Afrique de l’Ouest*, Enda Tiers-Monde, 2004, p. 29: “É um conjunto de laços conviviais, privilegiados estabelecidos pelo Antepassado, ativados dentro de um procedimento pessoal renovado e que funciona baseado no humor e na ironia cortês”.

monia social perfeita e duradoura, permite-nos aproximá-la do principal fundamento da sociedade egípcia antiga. De fato, o pilar da igualdade e da coesão social, para os Egípcios, era a maat. Maat, na mitologia egípcia, é a deusa da ordem, do equilíbrio do mundo, da equidade, da paz, da verdade e da justiça. O apego dos Egípcios a essa divindade desenvolveu entre eles um modo de conduta e de vida que nós chamamos de maat, e que remete ao conjunto de condições que fazem surgir e renovar a vida. Essa maat, entre os Egípcios, opunha-se a todo e qualquer distúrbio político e social que pudesse perturbar o movimento dos astros, o equilíbrio do universo, colocando em perigo as vidas humanas, já que a ordem social, e até mesmo a vida humana, e a prosperidade são tributárias da ordem cósmica. O responsável por essa harmonia sobre a terra é o rei, representante da deusa Maat. É isso que confere ao dirigente a noção de justiça, símbolo de uma boa governança.

A Maat é uma filosofia da vida comum baseada numa justiça que inspira a política e compreende todas as regras que governam a cidade. Essa figura da maat egípcia que investe o rei é bem percebida na designação do poder entre os Seerer siin. Entre eles emprega-se a palavra maat para designar o poder político no sentido de uma governança baseada na justiça e na harmonia social. Em contrapartida, todo poder baseado na injustiça e na violência é chamado de *maat manta*. E mais interessante ainda, essa mesma etnia usa a palavra maas, que possui o mesmo radical de maat, para designar o jogo familiar. As duas palavras evocam, em nossa lembrança a deusa egípcia Maat e têm um mesmo objetivo. A prática da maat entre os Egípcios, visava o respeito às regras tradicionais e gerais da solidariedade de ação e de comunicação; o que o maas procura realizar e consolidar. O maas cria todas as condições para a realização dessa união dos corações. Um maasiir (um familiar no jogo) se abstém de fazer mal ao outro com palavras e atos e fica lidado a ele durante a prova. É exatamente do que se rejubila o defunto no capítulo 125 do *Livro dos Mortos*, quando declara “ não ter ferido nem afligido, não ter prejudicado...”, a fim de mostrar sua aplicação da maat. Enfim, poderíamos muito bem admitir uma origem faraônica desse jogo familiar. Essa probabilidade ainda é reforçada pelos laços de parentesco estabelecidos por Cheikh Anta Diop¹⁶ entre os Seerer siin e os Egípcios antigos.

Por outro lado, pode-se notar que o jogo familiar, muito conhecido e praticado por muitas etnias africanas como os Seerer, os Peulhs, os Bambaras ou os Wolofs, deixou traços de sua instituição no Mali durante o reinado de Sundiata Keita.

Depois de sua vitória sobre o rei sosso Sumanguru Kanté, Keita julgou necessário instaurar uma paz duradoura em todo seu império e um código de con-

¹⁶ Sobre esse ponto, ver Cheikh Anta Diop (1954: 388; 391).

duta onde o ser humano encontrasse seu pleno desenvolvimento. É nessa ótica que ele convocou em 1236, em Kurukan Fuga, a assembleia dos povos sob seu domínio. Esse grande encontro permitiu estabelecer consensualmente a Carta do Mandén, que muitos historiadores consideram hoje como a primeira declaração dos direitos humanos da história universal. Para facilitar ainda mais as relações interétnicas e prevenir outros conflitos, a assembleia, sob a liderança de Sundiata, institucionalizou o *jogo familiar*.

Num passado muito recente, o jogo familiar contribuiu para conciliar Malineses e Burquinabeses quando da guerra que os opôs em 1970, conforme este relato: “O Presidente Seku Turé convidou os Presidentes Mussa Traoré e Sangulé Lamizana para uma conferência em Conacri; o ilustre griô Sory Kandia Kuayaté, numa bela evocação do passado, relembrou o pacto de amizade entre Samogo e Bambara, clãs dos Presidentes Lamizana e Mussa Traoré. A lembrança do pacto ancestral teve o dom de acalmar a fúria guerreira dos dois chefes que se abraçaram diante de uma multidão eletrizada. Assim, foi selada a paz” (Niane 2005: 10)

Atualmente, a jogo familiar é o principal instrumento no qual se apoia a Associação Cultural Ageen e Diambogne¹⁷ para um retorno definitivo da paz em Casamansa, no Sul do Senegal. Baseada no parentesco histórico entre Seerer e Diola, associou também a etnia peulh, que tem relações antigas com os Seerer, em busca da paz. Seus membros aproveitam os laços sanguíneos fraternos que unem essas etnias para fazer deles a ponta de lança na busca da paz nessa parte do sul do Senegal. A possibilidade oferecida pelo “jogo familiar” de se contatar com o outro sem se preocupar e lhe falar francamente, num clima de convívio e bom humor, é muito importante para a reconciliação das partes em oposição

De fato, cada um dos parentes do jogo está consciente dos laços sanguíneos ancestrais que o unem ao outro e se esforça em satisfazer seus desejos. A traição ou o não respeito à palavra dada têm pesadas consequências para seu autor que não tarda a sofrer a punição de seus antepassados. É isso que favorece o êxito do jogo familiar no momento das negociações e explica seu uso por muitas etnias na África, ao sul do Saara, onde ele contribui para instaurar a paz e a reforçar a coesão social. Por exemplo, ele permitiu que se acalmasse no conflito em Casamansa oferecendo um tipo de diálogo aos representantes do Estado senegalês e aos do MFDC em Foundiougne em fevereiro de 2005.

¹⁷ A Ageen e Diambogne é uma associação cultural criada em 1994. Segundo a tradição, Ageen e Diambogne são duas irmãs gêmeas. Um dia, sua mãe as mandou buscar lenha para a lareira. Na volta à casa, as duas foram surpreendidas por uma forte tempestade que quebrou sua piroga em duas partes. Ageen agarrou-se a uma delas e foi levada pelo vento até Kalobane em Casamansa onde ficou e deu origem aos Diola, enquanto Diambogne acostou, com a outra parte da piroga, em Diakhanor, no Sine, onde deu origem aos Seerer. O que atesta o parentesco entre Diola e Seerer e funda seu jogo de família.

Finalmente, é importante observar que os textos antigos não conseguem reportar todos os mecanismos que os africanos usavam para restaurar a paz social. Nossos autores nos informaram apenas do desfecho de alguns conflitos que chamaram sua atenção por estarem ligados aos problemas dos reis ou de súditos contra seus dirigentes. Mas não teria havido conflitos entre cidadãos ou famílias? Os autores antigos não abordaram esse assunto; o que não equivale de forma alguma a dizer que não aconteceram. Houve vários conflitos, às vezes violentos, entre os habitantes, e podemos reconhecer seu modo de resolução examinando a organização e o funcionamento de nossas sociedades tradicionais. Nelas, cada linhagem tem um chefe, alguém mais velho, a quem todos os outros membros da família dedicam um respeito quase religioso. Era ele que recebia as queixas dos outros e intervinha quando havia violência ou fatos que pudessem provocá-la no seio da família. Ele convocava as partes em conflito à sua casa, lembrava-lhes seus laços familiares, seus direitos e deveres mútuos e usava, com tato, toda a sua personalidade para reconciliá-las e obter delas a promessa de uma paz definitiva. Antes de se despedir de seu anfitrião, as duas partes compartilhavam a mesa, comendo ou bebendo num ambiente fraterno.

Quando o conflito opunha pessoas ou famílias diferentes, eram os mesmos chefes das linhagens que traziam de novo a paz. O mais jovem dentre eles efetuava o deslocamento até o mais velho a fim de discutir e encontrarem juntos uma solução no interesse das duas famílias. Porém, podia acontecer que a gravidade dos fatos que geraram o conflito ou a imparcialidade dos chefes da linhagem fosse um obstáculo a esse encontro. Nesse caso específico, um chefe de outra linhagem amiga vinha fazer esse papel positivo. Era assim, por exemplo, que se resolviam os conflitos dos Seerer siin, uma etnia do Senegal, onde ainda se recorre a esse mecanismo quando há algum problema ou conflito.

Conclusão

Os conflitos são inerentes à vida das sociedades. De fato, o choque das ambições, o egoísmo, a má governança, a injustiça e tantos outros fatos provocam frustrações que às vezes se transformam em revoltas violentas, que rompem a coesão social e jogam os homens uns contra os outros. Todas as sociedades passaram, e ainda passam, por distorções sociais. Mas, a cada vez os povos souberam se recuperar e encontrar os meios para resolvê-los. Na África antiga, nos vimos alguns desses mecanismos de resolução de crises que podem ser adotados na solução dos conflitos sociais que vivemos atualmente. Despertando essa herança adormecida em cada um de nós, podemos facilmente restabelecer a paz nos pontos de perturbação de nossas sociedades.

Fontes

Diodore de Sicile. *Bibliothèque Historique I*, section seconde. Texto estabelecido e traduzido por L'abbé Terrasson. Paris: 1737.

Diodore de Sicile, *Bibliothèque Historique III*. Texto estabelecido e traduzido por M. Ferd Hoefler. Paris: Charpentier, 1846.

Hérodote. *Histoires II*. Texto estabelecido e traduzido por Ph. E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1948.

Hérodote. *Histoires IV*. Texto estabelecido e traduzido por Ph. E. Legrand. Paris: Les Belles Lettres, 1960.

Strabon. *Géographie Livre XVII-1*. Tradução francesa Amédée Tardieu. Paris: Hachette, 1909.

Referências bibliográficas

AMOO, Sam G. *Le défi de l'ethnicité et des conflits. Nécessité d'un nouveau modèle, Division des interventions d'urgence*. New York: PNUD, 1997.

DIOP, Cheikh Anta. *Nations nègres et culture*, Paris, Présence Africaine, 1954.

Histoire générale de l'Afrique, II Afrique ancienne, Présence Africaine/Edicef/Unesco, 1987.

NIANE, Djibril Tamsir "La parenté à plaisanterie: origine historique, fonction préventive et régulatrice dans l'espace ouest - africain." in "Initiative de valorisation des capacités africaines endogènes dans la gouvernance et la prévention des conflits.", Conakry (Guinée), du 9 au 11 mars 2005.

NDIAYE, Raphael. *Pluralité ethnique, convergences culturelles et citoyenneté en Afrique de l'Ouest*. Dakar: Enda Tiers-Monde, 2004

Pierrotti, Nelson "La première grève connue de l'histoire, XII^{ème} siècle, 1166 av. J.C.", 2009.

Site na Internet

<http://www.matierevolution.fr/spip.php?article222>